

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

131)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (NOVEMBRO 2, 1839)



UMA VISTA DE BRUGES TOMADA DO LADO DO CANAL.

QUANDO uma cidade antiga e opulenta decaiu, pelas vicissitudes do tempo, pela varia fortuna das armas, e pelas alterações da ordem social e commercial, da primitiva grandeza, em rasão do passado esplendor e influencia é credora da attenção dos historiadores. Bruges está neste caso. Como residencia ordinaria dos poderosos condes de Flandres, e como um dos principaes emporios do commercio europeu, subiu a elevado gráu de prosperidade, principalmente nos tempos de Philippe o bom, que mantinha uma côrte magnifica, onde muitas vezes se refugiaram principes proscriptos ou infelizes, e onde con-

corriam os homens de talento mais insignes naquele tempo. Philippe foi quem instituiu, em 1430, a ordem do *Tosão d'Ouro*, para honrar a manufactura de lanificios, que nos seus estados chegára a tal auge de perfeição, que não tinha rival na Europa. É sabido que esta ordem foi posteriormente a causa, ou o pretexto da guerra entre a Hespanha e a Austria sobre quem, ao que diziam, havia de nomear os cavalleiros e dignidades; disputa que terminou pelos tractados d'Utrecht e Rastadt.

Os commerciantes de Veneza e de Genova vinham em numero consideravel ao mercado de Bruges per-

mutar os productos da Italia e do Levante pelas manufacturas do norte da Europa. Os lanificios, as famosas tapeçarias, e os tecidos de seda e de linho das fabricas desta cidade eram procurados e estimados em toda a parte. Todavia as guerras, e mais que tudo as rebelliões, foram successivamente enfraquecendo este activo commercio. Quando em 1488 os habitantes se levantaram e prenderam o archiduque Maximiliano, depois de sollicitarem debalde o auxilio da França, tiveram de render-se ao imperador d'Alemanha que marchou para resgatar seu filho com um corpo de tropas: 55 cidadãos soffreram a pena capital, muitos foram desterrados e os privilegios da cidade abolidos; e os negociantes estrangeiros, enfadados com os tropeços que principiam a encontrar pelas consequencias fataes da sublevação, abandonaram a cidade, e se passaram para Anvers ou Antuerpia, vindo assim a prosperar esta praça á custa da decadencia da outra. Ainda que Bruges tinha boas fortificações foi por muitas vezes tomada e retomada; só no começo do seculo passado, no espaço de dezeseis annos, contou successivamente cinco senhores. Pertenceu á França desde 1793 até 1815, epocha em que se incorporou no reino dos Paizes-Baixos; emfim, de 1831 para cá está sendo a capital d'uma provincia do novo reino belga. Ainda que decaída de seu pristino esplendor e gloria, é hoje bastante commercial; porque a sua situação a pouco mais ou menos quatro leguas distante do mar, e na junção de varios canaes importantes, que facilitam as exportações para o interior da França e Alemanha, lhe estabelecem e affiançam commodo e prospero futuro. Pelo canal d'Ostende vão do mar a Bruges navios do porte de 200 a 300 toneladas. Na cidade ha uma *doca* para ancorar, outra para construir e reparar embarcações, e armazens para deposito de fazendas, os quaes foram estabelecidos em 1820. Para ir de Gand a Bruges ha tres caminhos a escolher: por agua mediante um excellent canal, por terra costeando este, e pela estrada real, que se affasta d'elle; o segundo é só frequentado pela gente de pé ou por cabriolés muito leves; e todos preferem o canal, porque sem comparação alguma é o mais commodo, facil e agradável. Só vai pela estrada real quem se acha com o embaraço de uma sege ou cavalgadura propria.

A nossa gravura não representa o aspecto geral da cidade; mas uma pequena porção, vista do canal que a banha: para alem deste, que occupa o primeiro plano, apparecem alguns desses edificios de tectos angulosos, curiosos restos dos seculos passados, e que contrastam picturesquemente com as casas construidas ao estylo moderno; mais alem surge a torre d'atalaia ou de rebate (*beffroi*), que os olhos do viajante hão-de sempre descobrir de qualquer parte que se colloque para examinar a cidade. Esta torre é notavel pelas miudezas elegantes da sua architectura, como pela grande elevação; do alto della a vista abrange quinze leguas d'extensão: acabava antigamente n'uma graciosa flecha, que tendo sido arrazada por um raio em 1493 foi reconstruida depois como hoje está. É tambem torre de relógio, e tem um carrilhão de sinos muito harmoniosos. No alto deste edificio estão postadas vigias de noite e de dia para observar o que se passa na cidade, e tocar a rebate no caso d'incendio, d'inundação, ou d'outro qualquer accidente perigoso. Não mencionaremos os outros edificios publicos, porque não contem objectos dignos de grande admiração. Na igreja de N. S.<sup>a</sup>, construção pouco notavel do seculo duodecimo, ha uma estatua da Virgem com o menino Jesus de marmore, pelo famoso Miguel Angelo, e dois tumulos

verdadeiramente magnificos; um de Carlos o temerario, e outro da princeza Maria de Borgonha, esposa do archiduque Maximiliano.

Entre os filhos illustres de Bruges contam-se Gregorio de S. Vicente, que descobriu o modo de cortar os diamantes, e João Von-Eyck, mais conhecido pelo nome de João de Bruges, que passa pelo inventor da pintura a oleo.

Os estabelecimentos litterarios da cidade são, o collegio ou Atheneu, a Academia de Bellas-Artes, o museu, o jardim botanico, o gabinete d'istoria natural, e a bibliotheca publica. — As manufacturas actuaes consistem em fazendas de laã, de linho, e d'algodão, sal e assucar refinado, obras de olaria, e outros objectos miudos.

A população de Bruges no 1.<sup>o</sup> de Janeiro de 1834 era de 41:914 almas. Os habitantes são benignos e agasalhadores, como o podem testificar os emigrados portuguezes que alli temporariamente residiram.

#### HISTORIADORES PORTUGUEZES.

##### III.

##### *Vasco Fernandes de Lucena. — Ruy de Pina.*

O NOME de Lucena parece vir pouco a ponto em uma noticia dos historiadores portuguezes; porque d'elle não resta uma só pagina *original* sobre historia; mas julgámos dever fazer menção de Vasco Fernandes, não só por ter sido um dos homens mais celebres do seu tempo, como tambem, e principalmente, por ser d'entre elles o primeiro que, depois d'Azurara, teve o cargo de chronista-mór. Encarregado de varias missões politicas nos reinados de D. Duarte, D. Affonso 5.<sup>o</sup> e D. João 2.<sup>o</sup>, e vivendo, por tal motivo, a maior parte da vida em paizes estranhos, occupado, alem disso, quando residiu no reino, em grandes negocios d'estado, não pôde provavelmente occupar-se dos estudos historicos necessarios para poder desempenhar as obrigações do seu cargo, do qual fez desistencia em Ruy de Pina, no anno de 1497.

Escreveu, todavia, Vasco de Lucena varias obras, que ou se perderam, ou jazem manuscriptas em parte que se não sabe. Da Instrucção para Principes de Paulo Vergerio, traduzida por elle de ordem do infante D. Pedro, e que Barbosa diz existir na bibliotheca real não achámos o menor vestigio, apesar de consultarmos um catalogo anterior, segundo nos parece, a 1807. Das outras obras suas de que faz menção Barbosa tambem nenhum rasto encontrámos, ao passo que existe uma, que não duvidámos de lhe attribuir, e que o nosso illustre bibliographo não conheceu. É esta uma traducção franceza de Quinto Curcio, feita no anno de 1468, a qual pertenceu a Philippe de Cluys, commendador da ordem de S. João de Jerusalem, e que actualmente se guarda entre os manuscriptos do Museu britannico.

Ruy de Pina succedeu, como dissemos, a Vasco Fernandez, em 1497, no cargo de chronista-mór, posto que muito antes exercitasse o officio d'historiador. Dos primeiros annos de Ruy de Pina apenas se sabe que foi natural da Guarda, mas ignora-se o anno do seu nascimento, ainda que haja algumas suspeitas de que fosse pelos annos de 1440. Em 1482, diz elle, que fôra por secretario da embaixada mandada por D. João 2.<sup>o</sup> a Castella, e o mesmo cargo serviu d'ahi a dous annos na embaixada de Roma. Parece que, voltando de desempenhar esta commissão o encarregou elrei de escrever as chronicas do reino, apesar de então ser chronista-mór Lucena, o

que se deprehende de uma provisão de D. João 2.<sup>o</sup> em que lhe manda dar uma tença de 9:600 réis «esguardando ao trabalho e á occupação grande que Ruy de Pina escriptvãõ da nossa camara tem com o carregõ que lhe demos de escrepver e assentar os feitos famosos *asy nossos* como de nossos regnos *que em nossos dias são passados*, e ao diante se fizerem ». Em outra provisão lhe concede tambem 6:000 réis de mantimento.

Depois desta epocha ainda Ruy de Pina serviu em outra embaixada a Castella, e andou involvido nos difficeis negocios publicos daquelle tempo, até que, succedendo na coroa D. Manuel, não só lhe confirmou as mercês de seu antecessor, mas fez-lhe outras novas, dando-lhe finalmente o cargo de chronista-mór, e guarda-mór da torre do tombo, e da livraria real.

Em 1504 tinha Ruy de Pina concluido os seus trabalhos historicos, porque nesse anno recebeu de D. Manuel uma nova tença de 30:000 réis pelas chronicas de D. Affonso 5.<sup>o</sup>, accrescentando a esta somma cinco moios de trigo em Ceuta, e um cazal d'elrei no termo da Guarda.

«Cheio de honras e de recompensas [diz o abbade Correia] que para aquelle tempo eram grandes, viveu Ruy de Pina todo o reinado delrei D. Manuel, alcançando ainda alguns annos do delrei D. João 3.<sup>o</sup>, que lhe encomendou a chronica de seu pae, que deixou adiantada até a tomada de Azamor, e de que Damião de Goes confessa ter-se servido para a composição da sua.»

É Ruy de Pina de todos os nossos antigos chronistas o de que nos restam maior numero de chronicas. Escreveu elle a de D. Sancho 1.<sup>o</sup>, D. Affonso 2.<sup>o</sup>, D. Sancho 2.<sup>o</sup>, D. Affonso 3.<sup>o</sup>, D. Diniz, D. Affonso 4.<sup>o</sup>, D. Duarte, D. Affonso 5.<sup>o</sup>, e D. João 2.<sup>o</sup> As duas ultimas são sem duvida escriptas originalmente por elle. Na de D. Duarte, segundo parece a Damião de Goes, o substancial da historia é de Fernão Lopes; o que é relativo á expedição de Tangere, de Gomes Eannes de Azurara; e de Ruy de Pina apenas a coordenação desses diversos trabalhos. Quanto ás da primeira dinastia, quer o mesmo Goes [e esta opinião prevalece hoje] que não sejam mais que uma recopilação ou resumo do primeiro volume das chronicas de Fernão Lopes, que existia em poder de um tal Fernão de Novaes, e que D. João 2.<sup>o</sup> mandou fosse entregue a Ruy de Pina. Impossivel parece hoje averiguar até á certeza esta opinião; porque esse volume de Lopes, ou se perdeu, ou foi anniquilado por Pina, que, ambicioso de pouco suada gloria quiz, pobre corvo de D. João 2.<sup>o</sup>, adornar-se com as brilhantes pennas de pavão do Homero de D. João 1.<sup>o</sup>

Segundo o testemunho de João de Barros, Ruy de Pina foi uma potencia litteraria no seu tempo. O historiador da Índia refere que o grande Affonso d'Albuquerque tivera a fraqueza de enviar joias a Ruy de Pina, para que se não esquecesse delle na sua historia. Aquelle cujo nome devia encher o mundo não teve a consciencia de que era o maior capitão do seculo, e creu que a sua immortalidade dependia de um chronista obscuro! Triste documento de que os genios mais portentosos estão como os homens ordinarios sujeitos ás mais ridiculas fraquezas.

O abbade Correia da Serra põe Ruy de Pina acima dos chronistas que o precederam. É talvez o juizo litterario mais injusto que se tem pronunciado na republica das letras. Que elle exceda Azurara não o contestaremos nós; mas que seja anteposto a Fernão-Lopes é no que não podemos consentir; as narrações de Ruy de Pina, posto que superiores ás

de Gomes Eannes, estão mui longe da vida e *cor local* que se encontra nos escriptos do patriarcha dos chronistas portuguezes.

Parece que os fados de Ruy de Pina eram ganhar nome e celebridade á custa do trabalho alheio: ajudou elle o seu destino em quanto vivo: ajudaram-lho outros depois de morto. Em 1608 publicou-se em Lisboa um volume de 8.<sup>o</sup> com o titulo de *Compendio das grandezas e cousas notaveis d'entre Douro e Minho*, obra que no frontispicio é attribuida a Ruy de Pina. Este livro, porem, nada mais é do que o que compoz mestre Antonio, *fisiquo e solorgiam*, natural de Guimarães, e que em antigos codices anda juncto ás chronicas de Ruy de Pina, bastando ler uma pagina delle para nos convencer-mos de que é escripto em um periodo da lingua anterior á epocha deste chronista, e que elle talvez não fez mais que copia-lo, com intento de lhe chamar seu, podendo-se-lhe applicar aquelle distico francez:

Pour tout esprit que le bon homme avait,  
Il compilait, compilait, compilait.

(A. H.)

#### O TABACO.

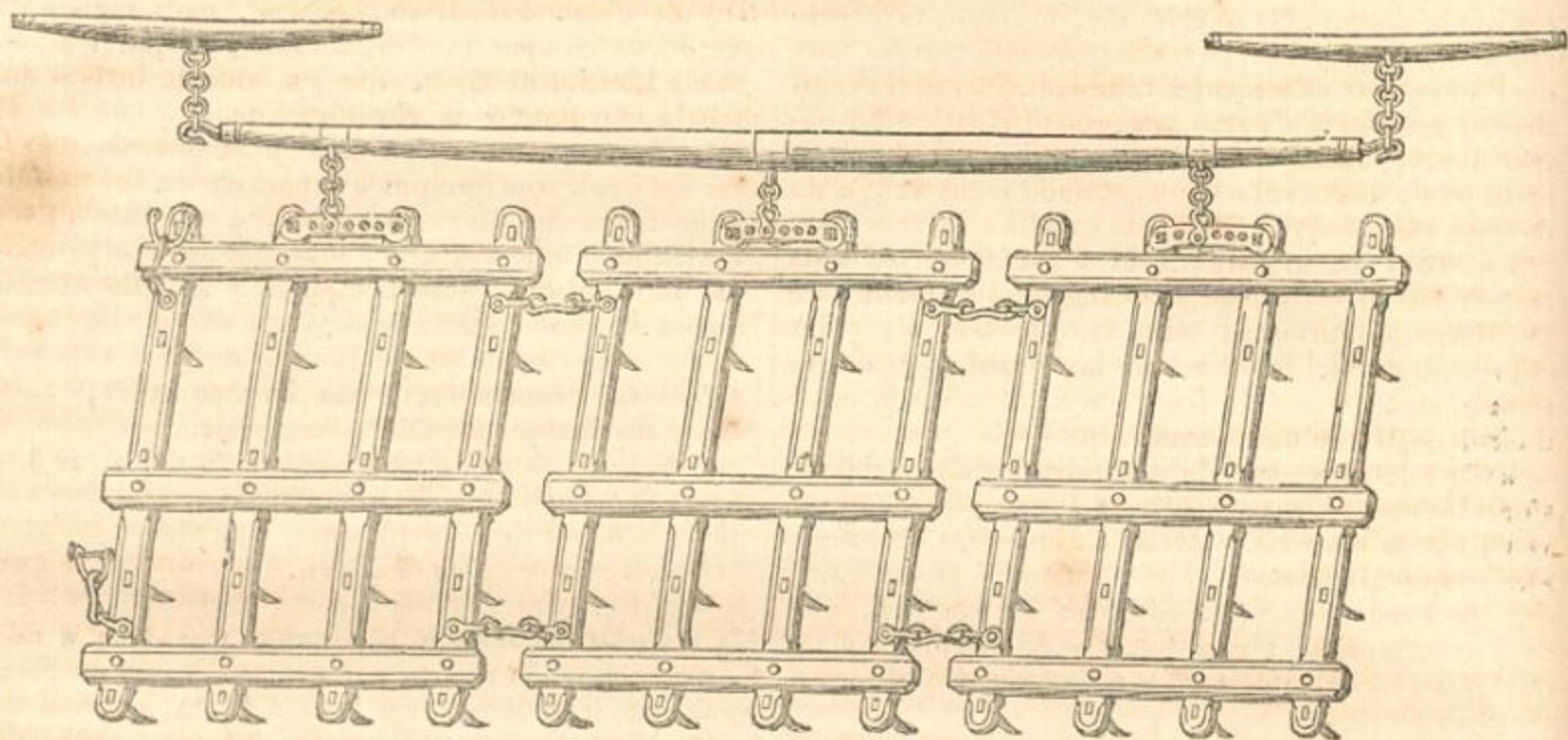
NA relação da viagem e successo que teve a náu S. Francisco, em que ia por capitão Vasco da Fonseca, na armada que foi para a India no anno de 1596, escripta pelo P.<sup>o</sup> Gaspar Affonso, querendo o auctor dar noticia do que vira de mais curioso naquellas partes da America por onde andára peregrinando, na descripção que faz da ilha de S. Domingos, tractando de sua abundancia e excellentes producções, quando falla do tabaco escreve o seguinte: — «Em logar de vinho, que, como disse, não ha, lhe serve o tabaco, a que nós chamámos *herba sancta*, ao qual se tem por todas as Indias achadas tantas virtudes, não sei se reaes se imaginarias, e particularmente ao que nasce nesta ilha, pelo que é mais estimado e buscado; e onde concorre muito de varias partes perguntam os compradores por tabaco de S. Domingos, o qual não somente se semea e grangea para usar naquellas partes, mas traz-se tambem por mercadoria para estas, e de tanto preço que vimos nós desembarcar fazenda, que ja estava embarcada, para fazer logar a esta, e accommodar como merecia: e quanto é por lá não ha quem o tire nunca da boca em fumo, ou dos narizes em pó, e infinitos ha que nem de ambas as maneiras se fartam delle; só os poderia fartar quem lhes descubrisse invenção, que elles comprariam por muito dinheiro, para assim como o mettem dentro em si por estes dous sentidos, cheiro e gosto, o podessem metter pelos outros tres, que lhes ficam privados de tanto prazer: de maneira que o fim dos banquetes mui regalados, e a ultima iguaria delles, é um prato mui formoso cheio de tantos rolos ou canudinhos, como elles lhes chamam, feitos daquellas mesmas folhas, seccas e enroladas, quantos são os convidados. Aos quaes canudinhos, accesos por uma ponta, e mettidos na boca, estão chupando o fumo, reprimindo o folego quanto podem, para que o fumo tenha tempo para andar visitando, consolando, e amesinhando todas as partes interiores. Aos que tem fome serve de pão, aos que tem sede serve de agua, os que comeram destemperadamente e estam fartos, dizem que ficam desalijados; se estão encalmados, que os refresca; se frios, que os aquece; se com maus humores, que lhos bota fóra o pó moido e to-

mado pelos narizes. E para que a todo o tempo o te-  
nham á mão, não só o trazem perpetuamente na al-  
gibeira, e alguns, por fazerem mais honra ao pó, em abutas de prego, mas junctamente, quando ca-  
minham, fuzil para accenderem as folhas e canudi-  
nhos.»

## INSTRUMENTOS AGRARIOS.

2.º

Fig. 1.



O uso de gradar as terras lavradas é muito anti-  
go; e são os effeitos desta operação, desfazer os tor-  
rões, arrancar as hervas parasitas e as raizes, cubrir  
as sementes e aplanar as terras nos campos semea-  
dos. Todos conhecem as grades empregadas neste ser-  
viço no nosso paiz, guarnecidas de dentes de pau ou  
de ferro, de que se faz uso primeiro com os dentes  
para baixo e depois de costas. Os sicilianos estão na  
pratica da agricultura tão atrasados [sendo o seu ter-  
reno tão fertil] que usam para este fim de feixes de  
arbustos espinhosos puxados tambem por bois, mas  
cujo resultado é quasi nullo. Referimos isto para que  
se não creia que nós somos o povo europeu mais igno-  
ro da agricultura. Todavia em França e na Inglater-  
ra tem subido estes instrumentos, como todos os con-  
cernentes á mesma arte, a grande perfeição. Diffe-  
rem estas grades das nossas em não serem de angu-  
los rectos, mas sim rhomboidaes, como mostra a es-  
tampa 1.<sup>a</sup>, e não serem puxadas em direcção paral-  
lela aos lados, mas sim parallela ás diagonaes. Ou  
são de pau, excepto os dentes, ou tudo de ferro. O  
nosso desenho é um tanto inexacto pelo que respeita  
ás proporções e disposições das partes do instrum-  
to; basta porem para que deste se faça idéa. Com-  
poem-se de duas ou tres grades, ligadas a uma gran-  
de travessa onde pegam os tirantes, e unidas umas  
ás outras por ganchos, ou travessas de ferro: cada  
grade consta de quatro travessas de pau ligadas por  
outras quatro mais pequenas; as primeiras podem  
ter 2½ pollegadas de grossura e 3 de largura, e as  
segundas duas de largura e uma de grossura. As tra-  
vessas não estão dispostas formando angulos rectos,  
como nós usamos, porem fazendo alguma inclinação  
as primeiras com as segundas, a qual deve ser tal  
que as perpendiculares tiradas dos dentes sobre uma  
linha, perpendicular á direcção da grade, a dividam  
em partes iguaes, que devem ser tantas quantos são  
os dentes menos um, para que não haja dente que  
passe por um rego aberto ja por outro dente. Este

instrumento denomina-se em Inglaterra *Berwickshire harrow*. Alem de outras vantagens tem as seguin-  
tes; vencer com muita facilidade os obstaculos, e  
abrir os regos muitissimo proximos.

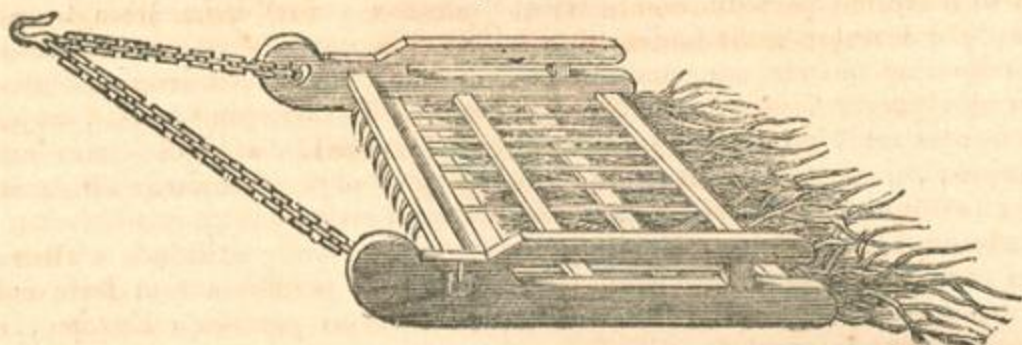
Para aplanar a terra usa-se nos paizes já citados  
do instrumento representado na fig. 2.<sup>a</sup>

Fig. 2.



Consiste n'um rolo ou galga de pau, pedra ou fer-  
ro, com dois varaes e em cima destes pregada uma  
caixa de pau ou de ferro com pedras para fazer o ro-  
lo mais pesado. Algumas vezes tem um assento onde  
vae o conductor dos cavallos, como na almofada de  
uma carruagem. O comprimento e diametro do rolo  
varia segundo as applicações; pelo commum tem de  
7½ a 9 palmos de comprimento e 15 a 30 pollegadas de  
diametro: nem sempre é inteiriço, divide-se algu-  
mas vezes em differentes cylindros mais curtos. Ap-  
plica-se ao terreno depois de lavrado e gradado para  
o aplanar e enterrar o burgau ou pedra miuda, e ou-  
tras vezes depois da sementeira para comprimir a  
terra contra a semente. Tambem se emprega nos  
terrenos ainda por lavrar para os fazer mais firmes.  
Parece ser um instrumento de pouca utilidade; é  
comtudo absolutamente necessario para quem per-  
tender usar da fouce grande ou gadanha no corte das  
seáras, hervas de pastos, &c.

Fig. 3.



Para cubrir as sementes tambem se servem os agricultores inglezes d'outro instrumento, fig. 3.<sup>a</sup>; cuja construcção é facil e não demanda explicação; é uma especie de caixa com mató entalado cujas vergontes saindo pela parte posterior do caixilho varrem a terra á moda de vassoura. Tem a vantagem de desfazer as minimas cavidades do terreno, enterrando as sementes perfeitamente sem as ajunctar: é portanto muito preferivel á grade virada de costas, como nós usamos.

Em outro numero tractaremos dos instrumentos proprios para revolver bem a terra e extirpar as raizes. Quem conhecer o idioma inglez póde consultar com proveito nestas materias a *Encyclopedia de agricultura* de London.

#### MAHOMED, E OS ARABES.

##### I.

##### *Mahomed.*

MAHOMED, a quem nós vulgarmente damos o nome de *Mafoma* ou *Mafamede*, nasceu na cidade de Meca na Arabia, no anno de Christo de 569. Ainda menino perdeu o pae e mãe; pelo que o puchou para si um tio seu, que o creou no tracto do commercio, e o mandava com suas caravanas aos paizes do Euphrates, e do Tigris, á Syria, e á Palestina. Mahomed era um homem bem constituido, de vigorosa saude, e d'uma presença intrepida e magestosa; ao que junctava uma eloquencia insinuante, alta prudencia, e ousado coração: qualidades pelas quaes facilmente grangeou o amor dos homens, e de que soube servir-se com destreza, para adquirir em pouco tempo um brilhante poder. Casou com uma rica viuva, cujo extenso commercio já d'antes dirigia. Depois de fazer ainda uma grande viagem, abandonou o commercio, e retirou-se á solidão. Aquí meditou elle o grande projecto de ser o fundador de uma nova religião, por onde excedesse a simplicidade dos antepassados entre seus compatriotas, lhes desse uma digna representação de Deus e da vida futura, e lhes ensinasse o que lhes cumpria praticar para ganharem a bemaventurança. Nas suas viagens tinha adquirido um grande conhecimento da religião christã, a qual, porem, como nas cidades do imperio grego consistia quasi em vaãs formulas, e estas accarretavam muitas desordens, e effusão de sangue, era por isso odiada dos pagãos como uma origem de todos os males. E a doutrina pura de Jesus, se Mahomed a conheceu, parecia austera para um povo que não sabia estimar outra alguma felicidade alem dos prazeres corporaes. Na solidão creou enthusiasmo a sua grande e arrojadada idéa; até que descubriu em primeiro logar a sua mulher, e depois tambem aos outros parentes, que lhe apparecera o anjo Gabriel, e lhe revelara que estava destinado para enviado de Deus. Os verdadeiros successos e palavras de Mahomed não os sabemos com certeza, porque seus sectarios lhos tem attri-

buido tão maravilhosos, que sua vida se tornou uma fabula singular; e o *Alcorão (Koran)*, que é a Biblia dos mahometanos, não é de Mahomed, mas foi escripto por seus discipulos depois da sua morte. Mahomed não sabia ler nem escrever; e os arabes contam que o anjo Gabriel lhe apparecera a primeira vez em uma gruta juncto a Meca, e lhe disse = *Deus tem-te destinado para propheta* =, ao que elle respondeu que não sabia ler: então pegou-lhe o anjo pelos cabellos, e o lançou tres vezes por terra dizendo = *Em nome do Senhor, que ensina o genero humano, apparega nelle a sciencia do que não sabe* = e dahi em diante ficou sabendo ler. Passados mais de tres annos depois de haver descoberto a seus parentes e amigos as frequentes revelações de Deus, e por este meio grangeado a pouco e pouco alguns sequazes, entre os quaes particularmente o seu auctorizado sogro Abu-Beker gosava maior consideração, apresentou-se em publico, e se declarou enviado de Deus, que lhe tinha ordenado guiasse para elle o povo arabe. Abu-Beker logo publicamente o saudou como propheta, e se lhe offereceu para companheiro e irmão; porem os circumstantes pozeram-se a rir. Entre tanto Mahomed continuava a prégar em publico, e em pouco tempo achou entre o povo sequito importante. Dominava em Meca a notavel tribu Coreis, que urdiu a Mahomed e a seus sequazes uma perseguição para o pôrem fóra da cidade, e todavia a sua consideração sempre cresceu. Seus inimigos se conspiraram para mata-lo; foi-lhe preciso fugir, e esta *fugida* é particularmente enfeitada pelos arabes com muitas maravilhas. Dizem que o anjo Gabriel lhe descobrira a conspiração; que Mahomed encontrára seus assassinos, e lançando-lhes um punhado de pó sobre as cabeças, ficaram d'improviso todos cegos. Escondeu-se em uma caverna, e sendo procurado por seus perseguidores, acharam estes a caverna coberta com uma teia d'aranha, e á entrada um ninho de pomba com dois ovos, o que dando-lhe a entender que alli ninguem podia ter entrado, passaram por diante. Daqui vem o preceito de Mahomed venerar as pombas como sagradas, e de não mattar aranha alguma. Desta *fugida* [que os arabes dizem *hédchera*, e nós *hegira*] comegam os arabes a contar os annos, como nós contamos do nascimento de Christo. Mahomed fugiu de Meca para Medina, sua nova doutrina já aqui era conhecida; e porque os habitantes desta cidade vivião em antiga inimisade com a tribu dos Coreis de Meca, foi bem recebido, e o numero de seus sequazes crescia cada dia. Bem depressa poude leva-los em som de guerra contra seus inimigos, e aqui soube então ganhar a reputação de valente capitão. Sua doutrina foi accepta de boamente, e ao seu exercito errante se aggregavam bandos e bandos uns apóz dos outros. Tão valente era nos combates, quanto justo e humano fóra delles; assim repartia os seus bens particulares, como as presas ganhadas ao inimigo. Permittia tambem a polygamia, e asseverava ao povo com persuasivas palavras que Deus com a morte dos inimigos da sua religião tinha tal contentamento que uma

gota de sangue derramada pela causa de Deus, ou uma noite passada debaixo d'armas em seu serviço, era mais meritoria do que duas semanas de jejum e d'oração; que aquelle que morria em combate gozava dos mais elevados prazeres do paraizo, e que cada uma de suas feridas seria no dia do juizo final odorifera como almiscar, e resplandecente como um *escaravelho-luzente*; (\*) que 72 formosissimas raparigas, cuja mocidade nunca murchava, estariam lá em cima reservadas para cada sectario desta religião; e que para os justos estava ainda destinada uma felicidade, que nenhuma lingua mortal podia exprimir. Esta doutrina proposta com encantadora eloquencia, enthusiasmava suas hostes a ponto de que todos cheios do mais ardente zelo combatiam em prol da nova doutrina e de seu fundador, e com uma quasi incrível rapidez faziam conquistas sobre conquistas. Meca teve de render-se, e Mahomed soube ganhar os proprios Coreis de maneira que a maior parte abraçaram a sua religião, e como amigos acompanharam seu exercito. Percorreu e venceu toda a Arabia, e já no 7.º anno depois da *fugida* invadiu a Syria com 30:000 homens, fez-se formidavel ao rei da Persia, e intimava ao imperador grego de Constantinopola que renunciasse á religião christã, e abraçasse a sua crença, que só podia conduzir á bemaventurança. Morreu de veneno aos 63 annos. Quando sentiu approximar-se a ultima hora ordenou que o levassem a um templo, ou como os mahometanos lhe chamam, a uma *mesquita*, e fallou ao povo reunido desta sorte = Homens, se eu castiguei alguém com aspereza, fazei-me sentir ainda os golpes que elle sentiu; se eu ultrajei o bom nome de alguém, fazei outro tanto ao meu nome; se tomei o alheio injustamente aqui estou para lho repor por inteiro. Ninguem receie d'exigir de mim o que eu dever, que não lho levarei a mal. = Todos se callaram, á excepção d'um homem vulgar, que se adiantou para elle, e disse = Mahomed é-me devedor de tres *dirhems* [pequena moeda]; e Mahomed mandou logo contar-lhas. Seu tumulto ainda se vê na mesquita de Medina.

As palavras seguintes por se encontrarem frequentemente, merecem aqui uma explicação. — *Islam* quer dizer *fé*, e é o nome que os arabes dão á sua religião. *Moslemín*, *Moslemen*, donde se derivou *Musulmano*, quer dizer *fiel*, e é o nome de todos aquelles, que professão a doutrina de Mahomed. *Mufti* é um ecclesiastico superior. *Derviche* um inferior. *Kalif*, ou *Chaliph* (*Califa*) quer dizer *successor*, e é o titulo do chefe do povo arabe descendente da familia de Mahomed. Ao principio, logo depois da morte do propheta era só um; porem ao diante fizeram-se independentes os generaes nos reinos mais poderosos, e chamaram-se igualmente *Califas*. Emir é o immediato d'um Califa. *Sarracenos* quer dizer *Orientaes*, *Povos do Levante*, e é um nome commum aos arabes.

J. H. da Cunha Rivara.  
(Concluir-se-ha).

LARIX ORDINARIO — Brot,  
(*Pinus larix* — Lin.)

EM um artigo impresso no 2.º volume do Panorama, pag. 195, dissemos ser esta arvore indigena das altas e frias serras da Europa, e que em Portugal se deve dar excellentemente nas abas voltadas ao norte das serras de Cintra, Estrella, Marão, &c. Estão auctorizados por ordem superior para distribuir

(\*) Insecto do genero dos *escaravelhos*, familia dos *hemipteros*, de cuja cabeça sae uma luz phosphorica tão brilhante que della lhe vem o nome de *filgora*, ou *porta-lanterna*.

uma porção da sua semente que S. M. a Rainha mandou vir de Dinamarca no ministerio do Ex.º Sr. Visconde de Sá, a remettemos com a presente noticia para se utilisarem os proprietarios especialmente da serra de Cintra, cujos altos e escavados serros poderão até aos cimos em pouco tempo ser vestidos para aformosear ainda mais aquelles encantadores sitios.

A sua grande utilidade e altura, que chega ás vezes a 120 palmos a tem feito cultivar em matarias nos diversos paizes da Europa, excepto talvez Portugal: a sua madeira, neste paiz conhecida pelo nome de *pinheiro de Riga*, passa por incorruptivel, e não é atacada pelos vermes ou insectos, é dura e solida, não fende por si, e verga muito sem estalar; mas racha-se facilmente quando se quer reduzir a achas. Emquanto nova é brancacenta, e quando velha a sua côr se faz avermelhada; e é então que mostra em alto gráu todas as qualidades mencionadas. Para marcinaria, e para os mastros e vergas esta madeira é preferivel ao *pinho da terra*, e ao de *Flandres*.

Tambem serve esta madeira com preferencia para a carpintaria e construcções de embarcações ligeiras, e para estacas e obras d'agua a sua duração é eterna: Fornece tambem boa lenha para queimar, mas exhala então um cheiro forte de termentina; e reduzida a carvão, serve com preferencia para as forjas de ferreiro.

A casca dos ramos novos contem grande quantidade de *tanino*, e póde ser empregada como a casca de sobre e carvalho para curtir os couros; e ainda que esta consideração pareça hoje de pouca importancia, poderá a casca desta arvore ser um recurso em muitos logares quando se tiverem consumido os carvalhos e sobros, que hoje em dia os povos cortam e destroem impunemente.

Dá esta arvore outro producto util, applicado nas artes e na medicina, debaixo do nome de *manná de briançon*, e que se fórma pela transpiração nocturna sobre as folhas, em grãos brancos, pegajosos e glutinosos. Nos mezes de Maio e Junho as arvores novas desta especie são cubertas desta materia ao nascer do sol, que entretanto depressa a faz tambem desaparecer. Quanto mais tiver orvalhado mais *manná* se acha, que tambem é mais abundante sobre os larices novos e vigorosos. Este *manná* é o mais commum, mas a menos estimada entre as tres especies que se conhecem, e não se emprega senão quando faltar o *manná* de Syria ou de Calabria.

Os antigos tiravam tambem desta arvore uma materia purgativa que se estimava muito, e que na medicina era conhecida debaixo do nome de *agárico*, mas hoje em dia está este remedio fóra de uso.

Desta arvore faz o nosso insigne botanico Brotero na sua historia dos pinheiros a seguinte descripção:

— «É da altura de cincoenta pés ou mais, cresce direita e depressa, os seus ramos são longos, alternos, diffusamente subdivididos em outros delgados, angulosos, flexiveis, de casca escura ou cinzenta, e com as pontas viradas para a terra. As folhas são finas, mais estreitas um pouco na base, do comprimento de uma até duas pollegadas, quasi nada angulosas, um tanto agudas, flexiveis, glabras e verdes; nascem dos gomos sobresahidos como tuberculos ao longo dos ramos, em grande numero fasciculadas, divergindo, e quasi indicando a forma de um pequeno pincel de pintor; cahem de todo no outono, e brotam outras na primavera. Os amentilhos das flores masculinas e femininas rebentam dispersamente nos lados dos ramos, são curtos, quasi rentes, acompanhados de folhas, e um tanto curvados

para baixo. As pinhas tem quasi uma pollegada de comprido, são ovadas, obtusas, compostas de escamas imbricadas, ovadas redondeadas, coriáceas, estriadas, recurvadas, e um pouco laceradas nas margens; variam de côr no tempo da florescencia, sendo então no seu cume alvadias ou purpureas, e tem por fóra umas pequenas bractees. As sementes são pequenas, e ainda mais do que as das peras ou maçãs. Dá-se esta arvore em varios terrenos e exposições; mas os sitios mais favoraveis á sua vegetação são as montanhas e as suas ladeiras expostas ao norte.”

Esta arvore é de valor em todas as suas edades; pois as varas miudas dos primeiros desbastes das novas matas tem excellente applicação [sendo de excessiva duração] sobre varas de outras arvores; e nos outros desbastes as ditas varas tem já valor para uso de mastros e vergas de embarcações pequenas, e para que são preferidas mesmo neste paiz pelos barqueiros. O calculo que fazem os inglezes sobre o valor dos productos d'uma mata de larices, depois que começa o primeiro desbaste das matas novas destas arvores semeadas a seis ou mais annos e dahi por diante feito com regularidade, excede o rendimento que qualquer terreno daria se fosse empregado em qualquer outra cultura, sementeira ou plantação.

A cultura dos larices, assim como a de todas as arvores resinosas, não é difficil senão enquanto são tenras e novas. Entretanto não necessita mais do que duas operações: a sementeira; e quando esta não foi feita com intenção de ficarem as arvores no lugar semeado, a transplantação. Tractaremos em separado estes dois objectos. As differenças no tractamento da sementeira dos pinheiros ordinarios, respectivamente á sementeira dos larices, não são muito essenciaes; porem mencionaremos o que é necessario saber para se dever esperar resultado de uma semelhante sementeira neste paiz. Em França e em Inglaterra se costuma entretanto semear viveiros destas arvores, para as transplantar quando novas; e até muitos proprietarios compram para formar as matas os larices novos aos innumeraveis floristas e hervanarios que negociam em arvores, flores e plantas.

Tendo Sua Magestade Elrei mandado vir no anno passado centenares de plantasinhas do larix para as mandar dispor na cerca da Pena, na serra de Cintra, em terreno saibrento, e local aonde podem ser regadas; observámos que quasi todas as ditas arvores tinham pegado bem, e que havia nellas um viçoso crescimento, tendo brotado no primeiro anno vergontes de perto de dois palmos: e se pôde já ver que a dita arvore se dá bem neste paiz, ao menos nas serras frescas.

Descreveremos portanto os methodos que se usam nas sementeiras e transplantações do larix, nos outros paizes, com algumas modificações que nos pareceram convenientes para o nosso clima; conforme a nossa practica nos tem instruido relativamente á cultura das outras arvores neste paiz.

Os viveiros do larix requerem terreno fresco e enxuto, e carecem applicar-lhes algum estrume vegetal bem curtido ou podre; e fazem-se leirões de 3 até 9 palmos de largo com caminhos fundos no entermeio para escoar a agua superflua no inverno, tapando-se estes no verão para reter mais a humidade. Semeia-se a semente no outono, bastantemente basta, e da fórmula que se practica com o trigo, e cobre-se a semente com meia pollegada de terra vegetal boa. Depois se deve cubrir a sementeira com musgo ou com pouca palha ou feno; porem de fórmula que as arvoresinhas possam furar facilmente a dita cuberta

quando nasçam. No primeiro anno convem fazer a estes viveiros alguma sombra; e deve-se successivamente alimpar das hervas estranhas. Decorridos tres annos, transplantam-se os pequenos larices para os logares aonde hão-de ficar, e se lhes prepararão as covas como se practica com outras arvores. Neste paiz será conveniente regar depois os sitios secos e faltos de humidade, na estação secca: já se sabe que precisa haver cautella que as arvores que se transplantarem conservem todas as raizes; e que quando as arvores arrancadas sejam plantadas para longe, sejam acondicionadas com terra e musgo molhado atado pelas raizes. As arvores se plantem em distancias de cinco ou seis palmos, pois convem que fiquem bastas, e que crescendo mais sejam depois desbastadas.

Quando a sementeira do larix for feita em ponto grande, não convirá a transplantação; e deve fazer-se a sementeira no sitio em que hão-de ficar os pinheiros. Convirá escolher terreno proprio, fresco e bem preparado: semeando-se a semente do larix com centeio para servir de agasalho ás arvoresinhas no primeiro anno; porem não se deve cortar ou aproveitar tal centeio, mas deve-se deixa-lo entregue a si, ou, quando muito, cortar-lhe só as espigas á mão, para que ao ceifar se não abalem as arvores com as pancadas da foice, e para que não fiquem desabrigadas. — *F. L. G. de Varnhagen.*

\*

Avisámos aos Srs., que estiverem no caso de tirar proveito da sementeira do larix, por serem proprietarios de terrenos situados em serras, que com o artigo acima transcripto nos foi remettida uma pequena porção de semente daquella arvore util, a qual distribuiremos aos Srs., que primeiro se apresentarem.

#### VIAGEM DESASTROSA DE M.<sup>me</sup> GODIN PELO RIO AMAZONAS.

ACHAMOS casualmente a carta escripta por M. Godin a M. de la Condamine, na *relação d'uma viagem feita pelo rio Amazonas*, edição de Maestricht, da qual extractaremos o essencial, persuadidos de que agradaará aos leitores, e mormente aos que não tiverem conhecimento da perigosa navegação daquelle rio caudalossissimo.

É facil avaliar a inquietação e perigo em que se veria o official Orellano, quando, separando-se no Perú de Fernando Pizarro, se deixou levar pela corrente sem saber por onde ía.

Porem a viagem da senhora Godin tem um character de desamparo, de continuados perigos, e de crueis padecimentos que a faz interessante. Era ella a esposa do mathematico Mr. Godin, que, associado a M. de la Condamine, e aos hespanhoes D. Jorge Juan, e D. Antonio Ulloa, foram a Quito em 1737 medir um gráu do meridiano com o fim de conhecerem a verdadeira configuração da terra. Devendo esta operação geometrica ser mui demorada, a senhora Godin acompanhou seu esposo, fixando residencia em Riobamba. Mr. Godin tinha parentes e propriedades em Cayenna, e sendo-lhe necessario ir alli para tractar de negocios importantes, deixou a esposa encarregada da administração dos seus bens, até que elle voltasse.

O caminho mais curto e transitavel era pelo Amazonas; todavia Mr. Godin, depois de ter concluido os seus negocios em Cayenna, não pôde voltar a Riobamba, por isso que estando Portugal em guerra com Hespanha, o governador do Brasil lhe não deu o passaporte, nem permittira que se dirigisse pelo

rio aos dominios hespanhoes. No fim de muitos annos de inuteis reclamações obteve o ministro francez em Lisboa que o governo de Portugal ordenasse ao governador do Brasil que prestando todos os auxilios a Mr. Godin lhe concedesse voltar ao Perú pelo rio Amazonas. Em virtude desta ordem deu o governador do Pará um barco armado a Mr. Godin: — obsequio inutil no fim de tantos annos de vexames! Mr. Godin não podendo metter hombros á viagem por ter enfermado gravemente, enviou uma carta a sua mulher, por pessoa que julgou de confiança, a participar-lhe o estado em que se achava, e rogando-lhe se trasladasse quanto antes a Cayenna. Mas o portador em vez de desempenhar a sua missão, occupou-se em traficar com os indios; e esquecendo-se das promessas que fizera entregou as cartas a um missionario que se dirigia a Quito, o qual mudando depois de rumo para Maydas, as passou a outro missionario, e no meio de taes mudanças as cartas se perderam.

A senhora Godin ouvindo dizer que haviam chegado cartas de seu marido para ella, e suspirando por que lhe viessem á mão, mandou um criado negro, mui fiel, em busca do mensageiro, o qual lhe trouxe a noticia de que um barco portuguez a aguardava na margem da fronteira portugueza para transporta-la a Cayenna. A afflicção desta senhora, ausente de seu marido havia quinze annos, a fez olhar com desprezo para os perigos da viagem. Partiu de Riobamba acompanhada de dois irmãos; de um sobrinho, joven de dez annos; de tres criadas mestiças, e de um rapaz da amisade da familia; e a pedido de seus irmãos se aggregaram á comitiva dous medicos francezes, cuja companhia era de esperar fosse de utilidade: — o tempo, porem, mostrou inteiramente o contrario.

O primeiro passo foi atravessarem a cordilheira, o que conseguiram com felicidade. Chegados aos *Canelos* embarcaram n'uma canoa no rio *Borbonasa* que conflue com o *Pastesa*, e este com o Amazonas. As bexigas tinham atacado a povoação com a costumada violencia, e os indios temerosos do contagio a haviam abandonado: só duas pessoas o não fizeram, e estas que se ajustaram para guiar a canoa pelo rio abaixo desapareceram no fim de tres dias. Este incidente era o presagio das calamidades que depois sobrevieram. Animados pela necessidade resolveram os viajantes conduzir o barco, passando-se o primeiro dia sem desastre. No seguinte encontraram na margem do rio uma choça feita de ramos de arvores, e dentro um indio convalescendo de grande enfermidade, o qual, apesar disso, se offereceu para piloto; mas tendo navegado quasi metade do espaçoso rio caíu no mar o chapéu de um dos passageiros, e o pobre indio, arrojando-se á agua para o apanhar, morreu afogado. Privada a canoa do unico homem que podia dirigi-la deu comsigo, sem embargo dos esforços dos passageiros, em uma rocha, felizmente juncto á terra, conseguindo todos escapar de tão imminente perigo.

Faltando apenas, segundo informações que tiveram, cinco ou seis dias para chegar a *Andoas*, determinaram os dois francezes ir por terra áquella povoação, promettendo solemnemente que em duas semanas, o muito tardar, teriam á sua disposição um excellente e bem tripulado bote para transportar a *Andoas* toda a comitiva. Quão incertas são as promessas de estranhos em tempos de perigos! Vinte e cinco dias de amarga espera correram, ou antes atormentaram os infelizes, sem que houvesse noticia alguma dos francezes, ou de soccorro. Por derradeiro esforço armaram os viajantes uma jan-

gada, e pondo sobre ella o trem e as provisões secas que lhes restavam se deixaram ir á vontade da corrente, na esperanza de descobrirem algum povo de missões, ou cazebres de indios. — Um fado adverso os levou d'encontro a uma arvore submergida, a qual desfazendo a jangada, trem, provisões, e pessoas, tudo caíu na agua. A senhora Godin submergiu-se duas vezes; porem seus irmãos a salvaram trazendo-a para terra já desfallecida. Só lhes restava o meio de encostarem á margem do rio, a ver se, por fortuna, podiam chegar a *Andoas*; mas os torcollos do rio faziam o caminho tão extenso, que em todo um dia se não podia andar uma legua em linha recta. Os desfiladeiros, matos, e arbustos espinhosos que encontravam, sem terem instrumento para corta-los, nem para abrir uma senda, a fraca nutrição que lhes davam algumas sementes e fructos silvestres, cujas qualidades desconheciam, e o intenso calor daquellas paragens pantanosas, causaram-lhes tal fadiga e extenuação, que ao chegarem a um sitio mais livre se prostraram por terra esperando exhalar o ultimo sopro da vida. No espaço de tres dias morreram todos os homens, e nos dois seguintes falleceram igualmente as tres criadas. A senhora Godin ficou só naquelle theatro de amargura, conservando-se dois dias em delirio á vista dos objectos exanimes que de tanta consolação lhe serviam antes, quanto depois de horror.

A corrupção dos cadaveres, e o desejo natural da conservação a obrigaram a retirar-se dalli: — mas para onde? A providencia foi a guia unica do seu caminho. Achando-se descalça, e com os pés ensanguentados, não podia a pobre senhora dar um passo; mas este mal remediou em parte tirando os çapatos dos pés de seu irmão, já meios corruptos, que ajustou aos seus com atilhos feitos de junco. Mediante este triste auxilio, e ajudada pelo ultimo esforço que lhe inspirava a necessidade, atravessou um bosque impenetravel até aos indios — vagando sem saber para onde se dirigia — sem mais alimento que o de alguns ovos que pareciam de perdizes, e que de debilidade mal podia comer — trepando umas vezes a escarpadas rochas — passando outras vezes por debaixo dellas, assim conseguiu chegar á margem do rio *Borbonasa*. Foi um rasgo da providencia o encontrar aqui dois indios n'uma canoa, que humanamente a receberam, e dando-lhe alguma roupa para cobrir a nudez, a levaram a *Andoas*; — alli uma pobre india lhe fez presente de duas saias, e a sustentou por alguns dias. Na primeira occasião foi a senhora Godin conduzida a Laguna, e alli recebeu o possivel agasalho, até que, recobrando forças, se dirigiu a Cayenna, ficando extremamente consolada por achar são, posto que mui afflicto, a seu esposo, depois de uma ausencia de quinze annos; de aventuras tão espantosas; e de uma perservação verdadeiramente milagrosa. A vista dos terribes espectaculos que presenceára — o pavor das solidões e das trevas que ennegreciam as noites — a fadiga — a fome, e o temor de a cada passo encontrar a morte; . . . — todas estas circumstancias será mais facil a nossos leitores imagina-las, do que a nós descreve-las. Uma só mencionaremos, que achámos nesta narração. — Foi tal o effeito que causou na constituição de M.<sup>me</sup> Godin a cadea de tão amargas aventuras, que dentro em dois mezes o seu cabello, que era preto, completamente se fez branco.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.